

A formação de ditongos e hiatos em Português Arcaico: a respeito da silabação do nome de um jogral*

Gladis Massini-Cagliari

UNESP/Araraquara; Oxford University – Linacre College

1. Introdução

Investigar os padrões de silabação das línguas sempre constituiu um tema de enorme relevância nos quadros da Teoria da Otimalidade (doravante, TO), tendo sido, inclusive, um dos pontos de partida para a proposta da teoria. Neste sentido, a observação do comportamento dos encontros de vogais orais nos interessa sobretudo no que pode contribuir para a elucidação da estrutura da Fonologia do Português daquela época, já que o *status* fonológico dessas seqüências vocálicas é o que determina a sua realização fonética (como ditongos ou hiatos).

A partir de uma comparação entre os dados do Português Arcaico (de agora em diante, PA) e do Português Brasileiro (de agora em diante, PB) atual, pode ser nitidamente observada uma mudança de comportamento quanto às estratégias de silabação de seqüências de vogais nessas duas línguas – indício de que uma mudança lingüística, vista pela TO como alteração na hierarquia das restrições, teria acontecido, na passagem de um período a outro da língua. Em PA, encontramos *cre-er; ve-er; ri-ir; mã-o; Ju-i-ã-o*; já em PB, a silabação, para os mesmos casos, é a seguinte: *crer; ver; rir (versus com-pr/je/n-der); mão; Jui-ão*.

No presente trabalho, abordaremos principalmente as possibilidades de silabação de seqüências de vogais orais altas (*i+u; u+i*) em PA – ponto de partida imprescindível para futuras abordagens diacrônicas do fenômeno. A discussão acerca da silabação do prenome do jogral Juião Bolseiro serve de ponto de partida para as reflexões sobre a hierarquia de restrições que comanda a silabação em PA, já que, a partir da metrficação dessas cantigas, pode-se ter certeza de que “o nome de baptismo de um dos nossos talentosos jograis (...) tem rigorosamente quatro sílabas (CV786): Ju-i-ã-o” (Rodrigues Lapa, 1981: 230-231).

Como *corpus*, considera-se uma seleção de cem cantigas medievais galego-portuguesas profanas, sendo cinquenta de amor, extraídas do *Cancioneiro da Ajuda*, e cinquenta de amigo, escolhidas a partir do *Cancioneiro da Biblioteca*

* O presente trabalho apresenta resultados de pesquisas financiadas no seu início pelo CNPq (Produtividade em Pesquisa, processo: 301748/95-0) e depois pela CAPES (Pós-Doutorado no Exterior, processo BEX0095/02-8).

Agradeço ao Prof. Dr. Stephen Parkinson, da Universidade de Oxford, pela gentileza da leitura de uma versão prévia deste artigo. É desnecessário dizer, no entanto, que todos os erros e imprecisões são de minha inteira responsabilidade.

Nacional de Lisboa. Como fontes secundárias, foram consultados os Glossários de Michaëlis de Vasconcelos (1920) e Nunes (1973, vol. III: 575-704), o Índice Onomástico e o Vocabulário de Lapa (1970), o *Glosario* de Mettmann (1989) e o *Lessico in Rima* de Betti (1997).

2. Sequências de vogais orais em PA

Em Massini-Cagliari (2003), analisando o mesmo *corpus* aqui considerado, constatamos a formação de 86.6% de ditongos, ao passo que os hiatos eram formados em contexto intravocabular em apenas 13.4% dos casos. Deste fato, pode ser inferida a enorme preferência do PA pela silabação de sequências de vogais orais como ditongos. Dentre estes, nossos dados nos permitem chegar a um total de 87% de ditongos decrescentes e apenas 13% de ditongos crescentes.

Com relação à presença dos hiatos em PA, os dados nos permitem concluir que 43% dos casos eram constituídos da sequência **i+a** (140 em 325), 33%, de vogais duplas (108 em 325), e o restante (24%, 77 casos em 325) de sequências de outras vogais. É interessante notar que a combinação de vogais predominante entre os hiatos (**i+a**) é também a mais recorrente (134 em 135 casos) das duas únicas permitidas como ditongos crescentes.

3. A combinação de vogais orais altas no PA: ditongos e hiatos

Há três possibilidades para a silabação de sequências de duas vogais orais, quanto à silabação, no PA: 1. a formação de um ditongo crescente; 2. a formação de um ditongo decrescente; 3. a formação de um hiato.

No *corpus* aqui considerado, contendo ditongos crescentes (sem considerar os casos das sequências QU-/GU-), apenas as seguintes palavras foram localizadas: *miá*, *dórmio/dórmia*, *Simión*, *sobérvia*, *sábia*, *cambiár*, *ravioso*. Já o levantamento que fizemos dos ditongos decrescentes no *corpus* aqui considerado apontou os seguintes casos de combinação possível entre vogais altas nos limites de uma mesma sílaba:

(1)	Sílaba tônica	Sílaba pretônica
iu	dormiu, partiu	—
ui	cuido, fui, mui/muito, truita, aleluia	cuidar, cuidou, Vuitoron

Não há casos de ditongos fonológicos de qualquer tipo (incluindo os formados apenas por vogais altas) em sílabas postônicas no PA. A única exceção são os ditongos (fonéticos) formados por QU-/GU- + V (ex.: *augua*).

No *corpus* que analisamos, não encontramos sequências de vogais altas formando hiatos, quando a combinação se dava entre a tônica e a postônica, a não ser quando a combinação se dá entre dois *us*. Geralmente o hiato acontece se a primeira vogal alta envolvida no encontro ocupa a posição pretônica, seguida de uma tônica ou de outra pretônica. Os exemplos são mostrados em (2):

- (2) i + i: viir, riir, Fiiz, cobliça, embiigo, enmiigo
 i + u: viúva, fiúza
 u + i: Juião, juigar, juízo
 u + u: cuu, nuu, muu

Não há restrições, no entanto, quanto à formação de ditongos decrescentes entre quaisquer vogais seguidas das vogais altas **i** ou **u**, a não ser (obviamente) a de não repetir a mesma vogal alta, como mostra o quadro dos ditongos decrescentes do PA, abaixo.

(3)

ai	ai, contrairo, mais, vai, Paai, papagai, oimais, demais, bailada, bailar, baixado
au	augua
ei	ei, aleive, cavaleiro, deitei, dereito, direi, estarei, farei, freira, lei, morrerai, queixo, queira, rei, serei, sei, despeito, ribeira, sospeita, deitar, deitei, leixar, queimar, queixar, queixume,
eu (êu)	<i>terminação verbal:</i> defendeu; ensandeceu; morreu; soffreu; tolleu <i>em outras posições na palavra:</i> sandeu
eu (éu)	deu; deus; eu; lheu; meu; meus; seu; seus
oi	coita, depois, foi, moira, noite, pois, ascoitar, coitado, oimais, coidar
ou	cousa, dous, estou, ouve, vou, mouro, sou, outro, deitou, pouco, cousimento, cousir, mouron, outorgar
ui	cuido, fui, mui/muito, cuidar, cuidou, truita, Vuitoron

Quanto aos hiatos formados entre vogais orais altas e vogais de outra natureza, encontramos os seguintes resultados:

- **i** forma hiato com outra vogal em posição pretônica, apenas seguida de **a** (*piadade, piadoso*) e **o** (*prioressa*).
- em posição pretônica, **i** só forma hiato quando precedida de **a** (*traizon, sairei*), **o** (*coirmãa*) ou **u** (*Juião, juigar*);
- quando pretônica seguida de tônica, a vogal **i** forma hiato com todas as outras vogais, inclusive **i** mesmo (*viir, riir*);
- em posição tônica, sucedendo uma pretônica, **i** forma hiato com **a** (*sair, saí, rainha, aí, ainda*), **e** (*reinha*); **i** mesmo (*viir, riir*), **o** (*oír*) e **u** (*juízo*);
- quando em posição tônica, as únicas vogais postônicas com as quais **i** se combina para formar um hiato são **a** (*averria, dia, dizia, dezian, diria, dormia, estaria, fazia, faria, valia (subst.), guia, iria, jograria, folia, Maria, morreria, perfia, querria, sabedoria, seria, ia, romaria, sandia, via*) e **o** (*rio*);
- quando em posição tônica, **u** se combina, para formar um hiato, com **a** (*duas, rua*) e com o próprio **u** (*cuu, nuu, muu*).

4. A combinação de vogais altas no PA interpretada à luz da TO

Como foi mostrado anteriormente a partir dos dados quantitativos extraídos de Massini-Cagliari (2003), o ditongo decrescente é a silabação preferida pelo PA para uma seqüência vocálica, inclusive para as seqüências de vogais altas. Neste sentido, pode-se dizer, em termos otimalistas, que o ditongo decrescente é a silabação “ótima” para seqüências de vogais orais no português medieval. Em trabalhos anteriores sobre a silabação do PA (Massini-Cagliari, 2001, 2002a,b), mostramos que a razão para este fato reside na exigência de fidelidade no PA entre as seqüências vocálicas do *input* e do *output*, já que, quando há a formação de ditongos, não há epêntese de material vocálico ou consonantal entre as vogais que se encontram no *input*, nem apagamento de uma delas. Em termos otimalistas, pode-se afirmar que, no PA, dado um *input* VV e os *outputs* possíveis VG (ditongo decrescente, em que G=glide), GV (ditongo crescente) e V.V (hiato), a realização estatisticamente mais relevante VG, na relação entre o *input* dado e o *output* escolhido, aponta para a importância das restrições DEP, MAX e ONSET, na silabação de encontros vocálicos. Comparando-se um *input* VV com um *output* VG, constata-se que este último não viola DEP, porque não há epênteses, nem MAX, porque também não há apagamentos. ONSET também não é violada (a violação a essa restrição aconteceria se o *output* preferido fosse o hiato, em que a segunda vogal inicia uma sílaba de *onset* vazio). Como intravocabularmente os hiatos são permitidos em PA, embora não sejam a silabação mais recorrente, conclui-se que ONSET ocupa uma posição na hierarquia de restrições que gera a silabação das seqüências vocálicas em PA abaixo de MAX e DEP.

Se considerarmos a distribuição dos elementos vocálicos e consonantais na sílaba do PA (Massini-Cagliari, 2001; Zucarelli, 2002; Biagioni, 2002) e o comportamento das sílabas contendo ditongos, que é análogo ao das sílabas travadas com relação à acentuação (que leva em consideração o peso silábico – Massini-Cagliari, 1999), deve-se concluir que o PA só aceita uma posição preenchida no núcleo; em conseqüência, nos ditongos decrescentes, o glide posiciona-se na coda. Assim, conclui-se também que a restrição *CODA pode ser violada em PA para a formação de ditongos decrescentes e de sílabas travadas. A interação no componente EVAL entre esta e as restrições a que aludimos no parágrafo anterior é mostrada no tableau (4), em que a forma ótima é apontada pelo símbolo ☞ e os limites das sílabas são representados por parênteses. As restrições de que tratamos neste parágrafo e no anterior e que são consideradas em (4) foram definidas em (5).

(4)	/fui/	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a. ☞	(fui)				*
b.	(fu)(i)			*	
c.	(fu) (□i)		*!		
d.	(fu)∅	*!			

- (5) MAX-IO: os elementos do *input* devem ter correspondentes no *output*.
 DEP-IO: os elementos do *output* devem ter correspondentes no *input*.
 ONSET: as sílabas têm onsets.
 *CODA: as sílabas acabam em vogal.

Como o PA só permite o preenchimento de uma posição no núcleo da sílaba, a atuação de *COMPLEX(N) explica por que as seqüências de vogais iguais, no PA, são categoricamente silabadas como hiato.¹ Como mostra o tableau (6), abaixo, o apagamento de qualquer uma das vogais feriria MAX; a inserção de uma consoante entre elas, DEP. Já a constituição de uma vogal longa fere *COMPLEX(N). A hierarquia de restrições adotada abaixo explica a ocorrência do hiato em todos os exemplos de vogais duplas mapeados no *corpus*, incluindo *riir*, *viir*, *Fiiz*, *cobiüça*, *embiügo*, *emniügo cuu*, *nuu*, *muu*.

(6)	/muu/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	(mu)(u)				*	
b.	(mu:)			*!		
c.	(mu ₁ ∅)	*!				
d.	(m∅u ₂)	*!				
e.	(mu)(□u)		*!			

- (7) *COMPLEX(N): Núcleos têm somente um elemento.

De acordo com o que se pode observar, as limitações para a silabação das seqüências de vogais altas em PA e da combinação dessas vogais com vogais de outra natureza (médias e baixas) parece estar ligada a uma proibição de constituição de ditongos crescentes.

Apesar de o PA dar preferência ao preenchimento da coda ao invés de preencher duas posições no núcleo da sílaba, existem restrições quanto aos elementos que podem aparecer na margem final da sílaba. Como mostramos em Massini-Cagliari (2001: 3), apenas podem figurar na coda o glide e as consoantes: /R/ (*veer*, *moller*, *certo*, *andar*, *sennor*, *pastor*, *Portugal*, *amor*); /l/ (*algun*, *sol*, *culpado*, *mal*, *Portugal*); /S/ (*esto*, *faz*, *sospeita*, *aquesta*, *chus*, *solaz*, *triste*); e /N/ (*entender*, *andar*, *nembrar*, *non*, *razom*, *coraçom*, *cantiga*, *gran*, *branca*). Isto quer dizer que há a atuação da restrição CODA-COND, alta na hierarquia, que restringe as possibilidades de consoantes na coda, conforme o estabelecido em (8).² É por este motivo que a seqüência /ei/ pode formar um ditongo (decrecente, no caso), uma vez que o glide /i/, por ser [-vocalico; +soante] constitui uma coda aceitável no PA. Já a seqüência

¹ A não ser no caso específico de algumas flexões verbais (cf. Massini-Cagliari, 1999: 177-181), como será visto adiante.

² A definição de CODA-COND, que aparece em (8), é retirada de Lee (1999: 147), já que as restrições para o aparecimento de codas não mudaram, do PA ao PB.

/ie/ forma um hiato, por dois motivos: /e/ não é uma coda aceitável e ditongos crescentes são proibidos.

- (8) CODA-COND: A coda pode ter somente:
[- vocálico, + soante] ou [- soante, + contínuo, + coronal]

Pelas razões expostas acima, o PA dá preferência à formação de ditongos decrescentes quando da combinação de vogais altas. A atuação da hierarquia de restrições estabelecida em (6) impede a formação de ditongos crescentes nas seqüências *iu* e *ui*, ao escolher como *output* ótimo as formas com a primeira vogal alta silabada no núcleo (simples) e a segunda, na coda. É o que se mostra no tableau (9).

(9)	/fui/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	(fui)					*
b.	(fui)			*!		
	/viu/	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
c.	(viu)					*
d.	(viu)			*!		

Desta forma, a hierarquia considerada em (6) e (9) dá conta não só da silabação de ditongos formados exclusivamente por vogais altas, mas também prevê a silabação de todos os outros ditongos decrescentes encontrados no *corpus*. A hierarquia adotada acima prevê também porque a vogal *i* forma hiato com outra vogal em posição pretônica, seguida de outra pretônica: neste caso, apenas ditongos crescentes seriam possíveis – o que fere *COMPLEX(N) e CODA-COND. O mesmo pode ser dito em relação ao *i* pretônico seguido de *a* tônico, em que ocorre a formação de hiato (*fiar*, *fiado*, *brial*, *enviar*, *liar*, *Santiago*) e à formação de hiato entre *i* tônico e *a* postônico (*averria*, *dia*, *dizia*, *dezian*, *diria*, *dormia*, *estaria*, *fazia*, *faria*, *valia* (*subst.*), *guia*, *iria*, *jograria*, *folia*, *Maria*, *morreria*, *perfia*, *querria*, *sabedoria*, *seria*, *ia*, *romaria*, *sandia*, *via*) e entre *u* tônico e *a* postônico (*duas*, *rua*).

Trabalhos anteriores, elaborados com base em teorias derivacionais (Massini-Cagliari, 1999; Zucarelli, 2002; Biagioni, 2002) constataram que o PA proíbe sílabas com ditongos seguidos de travamento silábico. A única exceção é o travamento pelo arquifonema /S/ (ex.: *Deus*, *pois*, *mais*) – unicamente em final de palavra. No caso do travamento por /S/, Zucarelli (2002) atribui esta restrição ao fato de o glide, nos ditongos decrescentes, ocupar a posição de coda; desta forma, a única consoante que poderia aparecer depois de um ditongo seria mesmo /S/, que é a única que pode ocupar a segunda posição de uma coda complexa (o que acontece até hoje, em PB: *perspectiva*, *solstício*, *cáustico*). Nos termos da TO, essa restrição à ocorrência de formas como **ail*, **air* e **ain*, em rimas do PA pode ser expressa a partir da ação da restrição COMPLEX-CODA-CONDITION – definida em (10) –, que atua em conjunto com CODA-COND. É por este motivo que a silabação ótima para o

exemplo *sair* é a formação de um hiato entre a e i, como aponta corretamente o tableau (11).

- (10) COMPL-CODA-COND: Codas complexas não são permitidas, a não ser as formadas por glides seguidos de /S/.

(11)	/sa-i-r/	CODA-COND; COMPL-COD- -COND	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	(sa)(ir)					*	*
b.	(sair)	*!					

Pelos motivos expostos acima, fica explicada a preferência pelo hiato na formação de palavras como *rainha/reinha* e *ainda*. Em *ainda*, **ain* é malformada, por ser uma rima supercomplexa, com três elementos. O mesmo ocorre em *rainha*. Trabalhos anteriores – Zucarelli (2002); Biagioni (2002) – já estabeleceram que as consoantes palatais /k/ e /j/ em PA devem ser consideradas complexas, pelas mesmas razões pelas quais Wetzels (2000) assim as considera em PB. Desta maneira, a formação de um ditongo em *rainha* feriria COMPLEX-CODA-CONDITION.

No entanto, a hierarquia acima estabelecida não explica a formação de ditongos crescentes nas formas *miá*, *dórmio/dórmia* *Simión*, *sobérvia*, *raviOSO*, *sábia*, *cambiár*. Há duas observações importantes a este respeito: 1. ao contrário do que acontece com relação aos ditongos decrescentes, os ditongos crescentes podem aparecer em posição postônica – o que prova que a sílaba em que se localizam é *leve*, isto é, monomoraica; 2. a recorrência de ditongos crescentes no *corpus* é realmente relevante somente com relação à palavra *miá* (129 ocorrências em um total de 135 – 95.5%); todas as outras palavras aparecem apenas uma vez ou duas. Este fato sugere uma realização excepcional, lexicalmente marcada.

Mesmo assim, é preciso explicar e prever a oposição entre as formas listadas em (12), aparentemente distintas apenas quanto ao acento e à silabação:

(12)	<i>miá</i>	vs.	<i>mía</i>
	<i>dórmia</i>	vs.	<i>dormía</i>
	<i>sábia</i>	vs.	<i>sabía</i>
	<i>sobérvia</i>	vs.	<i>vía</i>

Nos casos em que a alternância entre ditongo e hiato produz *palavras diferentes*, é possível dizer que a diferença é gramatical. Por exemplo, a estrutura morfológica dos verbos *dórmia* e *dormía* reflete importantes distinções de tempo, modo e aspecto (*dórmia* = Presente do Subjuntivo, 1ª ou 3ª pessoas do singular; *dormía* = Pretérito Imperfeito do Indicativo, 1ª ou 3ª pessoas do singular).³

³ Em (13), as abreviaturas VT, MT e NP referem-se à estrutura morfológica desses verbos e significam, respectivamente, vogal temática, desinência modo-temporal e desinência número-pessoal.

(13)	radical	VT	MT	NP	
	<i>dórmia</i>	dorm-	i	a	∅
	<i>dormía</i>	dorm-	i	ia	∅

O primeiro fato a ser considerado é que, em *dormía*, há a formação de uma vogal bimoraica. Como já mostramos em Massini-Cagliari (1999: 177-181), a ocorrência de vogais bimoraicas no PA é permitida em certos contextos de flexão verbal⁴, em que a vogal temática verbal pode ser fundida com uma vogal de mesma qualidade de uma das desinências (modo-temporal ou número-pessoal) – o que resulta na soma das moras de cada uma das vogais. Em termos otimalistas, este fato pode ser expresso a partir da restrição *HIATO, definida em (14), posicionada na hierarquia acima de *COMPLEX(N).

(14) *HIATO: Hiatos entre VT e NP, nas formas verbais “do pretérito”, são proibidos.

(15)	/dorm-i-ia/	*HIATO	MAX	DEP	*COMPLEX(N)	ONSET	*CODA
a.	(dor)(mi:)(a)				*	*	
b.	(dor)(mi ₁ ∅)(a)		*!				
c.	(dor)(m∅i ₂)(a)		*!				
d.	(dor)(mi)(i)(a)	*!					
e.	(dor)(mi)(□i)(a)			*!			

Já a explicação para a ocorrência desses ditongos crescentes excepcionais no PA reside na interação de duas restrições importantes para a silabação nessa língua: a proibição de ditongos crescentes e a proibição de codas complexas.

Em *dórmio/dórmia*, com a formação do ditongo crescente, aparentemente há uma violação a *COMPLEX(N). O mesmo ocorre com *sobérvia*, *sábia*, *Simión* e *cambiár*. Ora, para que haja violação a *COMPLEX(N), é preciso que o glide seja silabado *no núcleo* da sílaba – o que parece não estar acontecendo. Ora, a interação entre os padrões acentuais e os de silabação, que levam em consideração o peso das sílabas (ou, em outras palavras, a contagem das moras), comprova que o *i*, em todos os casos citados de ditongos crescentes em PA, *não é moraico* (cf. Massini-Cagliari, 1999: 172). Desta forma, não sendo o glide moraico, ele não pode estar localizado no núcleo. Resta, portanto, apenas a posição de *onset* para a sua localização, agindo como consoante, na formação de um constituinte complexo no ataque da sílaba. Assim, conclui-se que a intuição dos estudos derivacionais estava correta, no que tange à afirmação de que esses casos não constituem ditongos verdadeiros. E, não

⁴ 1ª pessoa do singular, Pretérito Perfeito do Indicativo, 2ª/3ª conjugações; todas as pessoas do Pretérito Imperfeito do Indicativo, 2ª/3ª conjugações. Por conveniência, vamos denominar essas formas como “do pretérito”.

sendo estes casos de ditongos propriamente ditos, mas de *onsets* complexos, não pode haver violações a *COMPLEX(N). Um argumento que sustenta esta análise é o fato de, em PA, não existirem palavras contendo ditongos crescentes precedidos por *onsets* complexos: isto levaria a três posições preenchidas no ataque silábico – o que é impossível.

A oposição *miá/mía* é mais difícil de explicar, já que envolve duas realizações possíveis da *mesma palavra*. A este respeito, é bastante pertinente lembrar a conhecida citação de Michaëlis de Vasconcelos (1912-13: 409):

Quanto ao possessivo mha, mho eu já expliquei que era proclítico, tinha acento na última vogal e que os Castelhanos também pronunciavam miá, mió, sempre monossilábicos. Segundo as leis de ditongação antiga, o acento recaía na vogal mais forte e sonora, e não na semivogal i. Existia todavia a forma absoluta mía bissilábica, colocada depois do substantivo. A princípio mhá senhor mas senhor mía. É a rima (com folia, etc) que autentica essa pronúncia.

No entanto, no *corpus* considerado no presente estudo, não há qualquer ocorrência de *mía*, dissílabo paroxítono terminado em hiato. A própria Michaëlis de Vasconcelos (1920: 56) aponta apenas um caso (CV402). A variação, nesse sentido, é provavelmente resultado de uma escolha estilística do poeta: para produzir a rima com *folia*, a silabação original (excepcional – ditongo crescente) pode ser transformada em hiato, que é a silabação previsível, nesse contexto, pela hierarquia de restrições considerada.

A outra possibilidade de formação de ditongos crescentes em PA, no nível fonético, diz respeito aos encontros vocálicos u + V, precedidos das velares /k, g/. O esquema de silabação da seqüência u + V é o seguinte: depois de /k-, g-/: ditongo crescente (exemplos: *quanto, augua*); depois de outras consoantes: hiato (exemplo: *duas, rua*). A distribuição estabelecida acima mostra que a relação da vogal alta é muito mais estreita com a consoante que a precede do que com a vogal que a sucede. É por esta razão que, ao contrário dos demais ditongos, os crescentes (fonéticos) desse tipo podem aparecer em qualquer posição com relação ao acento, incluindo as sílabas átonas finais. Todos esses fatos fizeram com que, em estudos desenvolvidos dentro das perspectivas estruturalistas (cf. Câmara Jr., 1970, para o PB) e, posteriormente, das teorias não-lineares derivacionais (cf. Zucarelli, 2002: 116-119 e Biagioni, 2002, para o PA; Freitas, 2001, para o PE, com base em evidências provindas do processo de aquisição da linguagem), as seqüências QU- e GU- fossem consideradas consoantes complexas, diante de vogal – portanto /k^w/ e /g^w/.

Se confirmado o *status* dessas seqüências QU- e GU- como consoantes complexas /k^w/ e /g^w/, então, na verdade, não constituiria exatamente um ditongo crescente o encontro de vogais: no nível fonológico, essas seqüências formariam sílabas com núcleos simples, mas com *onsets* (também simples) preenchidos por consoantes complexas. Desta forma, não seria preciso postular a atuação de

qualquer outra restrição no componente avaliativo EVAL para se chegar às formas desejadas como ótimas.

Para darmos conta de todas as possibilidades de silabação para a combinação de vogais altas intravocabularmente, resta apenas explicar a realização de hiatos em posição pretônica, como em *viúva*, *fiúza* e *Juíão*, *juigar*, *juízo*.

Todas as palavras envolvidas neste caso têm algo em comum: em todas elas o hiato é resultado do conhecido processo de queda das coronais sonoras entre vogais: *vidüva* > *viúva*; *fiducüa* > *fiúza*; *Julianus* > *Juíão*; *judicare* > *juigar*; *judicüo* > *juízo*.⁵ Em um modelo derivacional, poderia ser proposta uma consoante na forma de base dessas palavras, que bloquearia a formação do ditongo decrescente e que seria eliminada em um momento posterior da derivação. O problema com relação a esta solução é o fato de que é sincronicamente difícil separar os casos em que a consoante deve ser apagada (ex.: *traíçon*; *Juíão*) daqueles em que a consoante deve aparecer na superfície (*avelana*) e ainda daqueles em que a consoante não existe mais na forma de base e nos quais, portanto, deve ser formado um ditongo (ex.: *sai*). Além disso, esse tipo de processo derivativo é incompatível com os preceitos teóricos otimalistas.

Pelos motivos expostos no parágrafo anterior, estritamente nos domínios da TO, é muito difícil identificar a correta silabação dessas palavras, dada a opacidade dos dados. A criação de uma restrição paroquial, exclusivamente para solucionar este problema ao PA, embora marginal e problemática, parece ser, no momento, a única possibilidade de solução *dentro* da teoria, já que mesmo a aceitação de processos derivacionais deixaria a distinção entre os grupos aludidos no parágrafo anterior por resolver. Assim, propomos dar conta desses casos através da atuação de uma restrição da família de fidelidade sobre as palavras desse grupo, que denominamos de Tipo V<C>V: ALINHE(μ , N) – definida em (16) e demonstrada no tableau (17).⁶

(16) ALINHE(μ , N): Alinhe a mora das vogais das palavras do Tipo V<C>V com o núcleo da sílaba.

(17)	/juiaNo/ (Tipo V<C>V)	ALINHE (μ , N)	MAX	DEP	ONSET	*CODA
a.	(ju)(i)(ã)(o)				***	(*)
b.	(jui)(ã)(o)	*!				(*)
c.	(ju)(□i)(ã)(o)			*!		(*)

⁵ Fonte da etimologia considerada: *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (2001).

⁶ Os parênteses envolvendo asteriscos, no tableau (17), indicam que a violação à restrição considerada não é relevante para o fenômeno discutido.

5. Conclusões

Com base no estudo desenvolvido neste trabalho, pode-se afirmar que os padrões silábicos de superfície dos encontros vocálicos intravocabulares formados entre vogais altas no PA são obtidos a partir de interações e hierarquizações de restrições de duas famílias (de estruturação silábica e de fidelidade), de acordo com a abordagem da TO. A hierarquia aqui considerada dá conta de prever e explicar a silabação de todos os encontros vocálicos presentes no *corpus*, inclusive (e principalmente!) a do nome do trovador *Juião Bolseiro*, tal como aparece nas cantigas CBN1181/CV786 e CBN403 (com quatro sílabas) – fato que gerou a inquietação que deu origem à reflexão que acima se apresenta.

No entanto, há casos em que ocorrem variações, principalmente porque é considerada um *corpus* poético como base da análise. Como vimos, há casos de variação entre ditongos crescentes e hiatos: *miá* vs. *mía*. E o próprio prenome do jogral Bolseiro aparece, em outras cantigas de escárnio que não as consideradas por Lapa na citação apresentada no início deste trabalho, com três sílabas – e um ditongo crescente na primeira sílaba: *Jui-ã-o*. Todos os casos de variação, porém, originam-se em recursos estilísticos utilizados pelo poeta com a finalidade de preservar ritmo e rima e atuam, sem exceção (nos limites do *corpus*), no sentido de produzir, a partir de um padrão excepcional, um mais previsível: do ditongo crescente ao hiato; do hiato, ao ditongo decrescente.

Referências Bibliográficas

- Betti, Maria Pia (1997) *Lessico in Rima. Rimario e Lessico in Rima delle Cantigas de Santa Maria di Alfonso X di Castiglia*. Pisa: Pacini Editore. pp. 311-388.
- Biagioni, Andréia Bernardineli (2002) *A Sílaba em Português Arcaico*. Araraquara: FCL/UNESP. Dissertação de Mestrado.
- Câmara Jr., Joaquim Mattoso (1985) *Estrutura da Língua Portuguesa*. 15ª edição. Petrópolis: Vozes. 1ª edição: 1970.
- Cancioneiro da Ajuda* – Lisboa: Edições Távola Redonda, 1994. Edição Fac-similada.
- Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci-Brancuti)*. Cod. 10991. Reprodução fac-similada. Lisboa: Biblioteca Nacional/Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1982.
- Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. CD-ROM.
- Freitas, Maria João (2001) Sons de ataque: segmentos complexos, grupos segmentais e representações fonológicas na aquisição do Português Europeu. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, c. 36, nº 3, pp. 67-83. setembro, 2001.
- Lapa, Manuel Rodrigues (1970) *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*. 2ª edição revista e acrescentada. Vigo: Galáxia.
- Lapa, M. Rodrigues (1981) *Lições de Literatura Portuguesa – Época Medieval*. 10ª edição revista pelo autor. Coimbra: Ed. Coimbra.
- Lee, Seung-Hwa (1999) Teoria de Otimidade e Silabificação do PB. in Mendes, E. A. M.; P. M. Oliveira & V. Benn-Ibler (orgs.) *Revisitações: edição comemorativa*:

- 30 anos da Faculdade de Letras/UFMG. Belo Horizonte: UFMG/FALE. pp. 143-156.
- Massini-Cagliari, Gladis (1999) *Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica.
- Massini-Cagliari, G. (2001-no prelo) Questões de silabação: comparações entre o Português Arcaico e o Português Brasileiro. Conferência proferida no II EDiP – II Encontro de Estudos Diacrônicos do Português. Araraquara: FCL/UNESP, de 29 a 31 de agosto de 2001. a sair no livro: *Descrição do Português: Estudos de Lingüística Histórica*, organizado por G. Massini-Cagliari *et al.*, a ser publicado pelo Laboratório Editorial da FCL/UNESP, Araraquara, e pela Editora Cultura Acadêmica, São Paulo, em 2004.
- Massini-Cagliari, G. (2002a) A silabação no Português Arcaico vista pela Teoria da Otimidade. *Estudos Lingüísticos*. São Paulo: FFLCH/USP. v. 31. CD-ROM.
- Massini-Cagliari, G. (2002b) A silabação da seqüência a+i em Português Arcaico: uma abordagem otimalista da distinção entre ditongos e hiatos. Comunicação apresentada no 50^o Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo – GEL. São Paulo: FFLCH/USP, 23 a 25 de maio de 2002.
- Massini-Cagliari, G. (2003) Diphthong and hiatus in Medieval Portuguese profane *cantigas*. Paper presented at the XXXI Romance Linguistics Seminar. Cambridge: Trinity Hall, 3-4 January 2003.
- Mettmann, Walter (1989) Glosario. IN Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427) III*. Madrid: Castalia. pp. 381-393.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1912-1913) *Lições de Filologia Portuguesa (segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12 e de 1912/13) Seguidas das Lições Práticas de Português Arcaico*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, s/d.
- Michaëlis de Vasconcelos, Carolina (1920) Glossário do *Cancioneiro da Ajuda*. Revista Lusitana, XXIII. in *Cancioneiro da Ajuda. Edição de Michaëlis de Vasconcelos. Reimpressão da edição de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do Glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII)*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1990.
- Nunes, J. J. (1973) *Cantigas d'amigo dos trovadores galego-portugueses*. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro. 1^a edição: 1926/1929.
- Wetzels, W. Leo (2000) Consoantes palatais como geminadas fonológicas no Português Brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte, v. 9, n^o 2, pp. 5-15, jul./dez. 2000.
- Zucarelli, Fernanda Elias (2002) *Ditongos e Hiatos nas Cantigas Medievais Galego-Portuguesas*. Araraquara: FCL/UNESP. Dissertação de Mestrado.